

**Um estudo sobre arquitetura gótica e cidades no século XIII: sob a lente da História da Educação**

**A study on Gothic architecture and cities in the thirteenth century: from the perspective of the History of Education**

**Un estudio sobre la arquitectura gótica y las ciudades del siglo XIII: a través de la perspectiva de la Historia de la Educación**

Bianca Nariai Lopes<sup>1</sup>  
Terezinha Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo, de natureza interdisciplinar, propôs o estudo da relação entre a arquitetura gótica e o desenvolvimento das cidades medievais, o pensamento filosófico e os acontecimentos que influenciaram a sociedade gaulesa (França) no século XIII. A pesquisa baseou-se na análise da sociedade como meio de entender as catedrais góticas, considerando a arquitetura como sua expressão material. Nesse cenário, destacam-se as ordens mendicantes, especialmente dominicanos e franciscanos, que se estabeleceram nos centros urbanos, influenciando a organização das cidades. A Escolástica foi fundamental para a formação intelectual medieval, influenciando o pensamento dos arquitetos e a concepção das catedrais góticas. A metodologia adotada foi a abordagem bibliográfica, baseada na leitura de Jacques Le Goff, sobre a Idade Média, e Erwin Panofsky, sobre a relação entre arquitetura e Escolástica. Os resultados evidenciam a arquitetura gótica como a materialização das transformações da Idade Média.

**Palavras-chave:** Arquitetura gótica. Cidades. Escolástica. Ordens Mendicantes. História da Educação.

**Abstract:** This interdisciplinary article proposed an examination of the relationship between Gothic architecture, the development of medieval cities, philosophical thought, and historical events that shaped thirteenth-century Gallic society (France). The research was grounded in an analysis of society as a framework for interpreting Gothic cathedrals, treating architecture as their material expression. Within this context, mendicant orders, particularly Dominicans and Franciscans, emerged as decisive agents, establishing themselves in urban centers and influencing urban organization and socioreligious life. Scholasticism played a fundamental role in medieval intellectual formation, informing both the conceptual frameworks of architects and the symbolic conception of Gothic cathedrals. The adopted methodology consisted of a bibliographical approach based on the works of Jacques Le Goff regarding the Middle Ages and Erwin Panofsky concerning the relationship between architecture and Scholasticism. The results demonstrate the Gothic architecture as the materialization of the transformations of the medieval period.

**Keywords:** Gothic architecture. Cities. Scholastic. Mendicant Orders. History of Education.

<sup>1</sup> Estudante de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Maringá. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2617-7875>. E-mail: ra133485@uem.br

<sup>2</sup> Doutorado em História. Universidade Estadual de Maringá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5349-1059>  
E-mail: toliveira@uem.br

**Resumen:** Este artículo interdisciplinario propuso examinar la relación entre arquitectura gótica, desarrollo de las ciudades medievales, pensamiento filosófico y los acontecimientos históricos de la sociedad gala (Francia) del siglo XIII. La investigación se fundamentó en el análisis de la sociedad como medio para interpretar las catedrales góticas, considerando la arquitectura como su expresión material. En este contexto, los órdenes mendicantes, especialmente dominicos y franciscanos, surgieron como agentes decisivos al establecerse en los centros urbanos e influir en la organización urbana y vida socioreligiosa. La Escolástica desempeñó un papel esencial en la formación intelectual medieval, orientando el pensamiento de arquitectos y la concepción de las catedrales góticas. La metodología adoptada consistió en un estudio bibliográfico basado en las obras de Jacques Le Goff sobre la Edad Media y Erwin Panofsky sobre la relación entre arquitectura y Escolástica. Los resultados muestran la arquitectura gótica como la materialización de las transformaciones del período medieval.

**Palabras-clave:** Arquitectura gótica. Ciudades. Escolástica. Órdenes mendicantes. História de la Educación.

Submetido 02/04/2026

Aceito 05/06/2026

Publicado 10/06/2026

### Considerações iniciais

Iniciamos nossas reflexões observando que, neste artigo, a arquitetura é considerada como um espelho da sociedade. Assim, ao retomar a arquitetura gótica, estamos, também, compreendendo as raízes históricas da cidade na Idade Média. De acordo com Le Goff, as cidades medievais são como “[...] uma sociedade abundante, concentrada em um pequeno espaço, um lugar de produção e de trocas em que se mesclam o artesanato e o comércio alimentados por uma economia monetária” (Le Goff, 1988, p. 25).

Sob essa ótica, é possível perceber que, uma vez que as cidades são o centro no qual a vida, a cultura, o comércio, circulam, elas atraem a atenção principalmente das ordens mendicantes que encontram, no cenário urbano, um local para difundir suas ideias e propalar os ideias de pobreza e mendicância.

As ordens mendicantes tiveram um grande impacto pelo caráter inovador de seus princípios religiosos, especialmente em relação à humildade e à pobreza, em oposição à riqueza da Igreja Cristã. A transição das cidades do rural para o urbano provocou o surgimento de centros comerciais e a valorização do dinheiro, que ameaçava os valores cristãos.

Diante desse cenário, a usura, uma forma de juros, é condenada, uma vez que era considerada ilícita a geração de dinheiro a partir do dinheiro. Como forma de redenção do pecado da usura, aqueles que se beneficiaram com a criação do Terceiro Estado, e que eram usurários, realizaram grandes doações para a Igreja. Foi o capital acumulado a partir dessas doações que financiou as construções das catedrais góticas.

No século XIII, parecia essencial a essas ordens fazerem-se aceitas dando às populações o exemplo da pobreza e da humildade; elas extraem as lições dos movimentos sociais que estão emergindo, nos quais as pessoas simples da cidade questionam a atitude dos poderosos e, em particular, a dos senhores, os quais, de seu campo, de suas fortalezas, continuam a dominar o espaço, incluindo o espaço urbano. Em contraposição, a riqueza se cria de um modo ainda mais brutal na cidade, com os mercadores, os burgueses, o comércio. Diante da arrogância dos novos ricos e dos antigos poderosos que estão sempre aí, para convencer o povo, para não os deixar rebelar-se contra a ideologia cristã da época [...] (Le Goff, 1988, p. 18).

Outro aspecto que influenciou o desenvolvimento dessa arquitetura são as universidades, vinculadas às ordens mendicantes por meio de sua preocupação com o conhecimento e evangelização em contraste à riqueza da Igreja, atraindo a atenção dos jovens.

O papel da cidade na consolidação das universidades foi analisado em nosso estudo, pois devido às transformações sociais e o crescimento urbano dado pelo aumento do comércio, exigia -se uma nova forma do ensino que, nesse momento, passa a intensificar a relevância das artes liberais que serão bases para as grandes construções arquitetônicas.

O intelectual, como qualquer artesão, percebe que a vida se realiza neste ambiente agitado de mudanças. Em função destas transformações, torna-se imperioso a criação de um novo ensino, não apenas com novas disciplinas, como a dialética, a física e a ética, mas considerando-se que os homens das cidades precisam de novas técnicas científicas e artesanais (Oliveira, 2007, p. 4).

Diante dessa nova realidade, há que se destacar que ela define mudanças dos métodos de ensino que buscam aliar o conhecimento teórico com o técnico para as atividades dos homens de ofício como forma de acompanhar as mudanças na cidade do século XIII. Ao tratar das universidades. Além disso, faz-se de grande importância tratar sobre a Escolástica, corrente filosófica vigente no período de desenvolvimento das universidades e que teve uma ligação intrínseca com a produção do conhecimento e foco intelectual.

Ao refletir sobre a relação entre a Escolástica e Arquitetura, retomamos Erwin Panofsky que evidencia as conexões baseadas não somente no paralelismo temporal entre a arte medieval e a filosofia escolástica, mas também no modo como o pensamento escolástico está presente na mentalidade dos arquitetos da época. Para evidenciar isso o autor descreve o que seria o “hábito mental”:

É pouco provável que os arquitetos do gótico tenham lido Gilberto de la Porrée ou Tomás de Aquino no original. Mas entraram em contato com o ideário escolástico por inúmeros outros, sem perceber que, por força de sua atividade, tinham de trabalhar com quem esboçava os programas litúrgicos e iconográficos. Haviam frequentado a escola, tinham ouvido sermões e podiam acompanhar as disputationes de quolibet que tratavam de todas as questões imagináveis da atualidade e que se haviam transformado em eventos sociais, comparáveis a nossas óperas, concertos e conferências públicas (Erwin Panofsky, 2001, p. 15).

Assim, embora os mestres construtores medievais não tivessem consciência, poder-se-ia dizer que eram escolásticos porque o pensamento escolástico estava disseminado na sociedade e influenciou diretamente a arquitetura gótica. Ao encerrar, Panofsky (2001, p. 62)

afirma que “Aqui a dialética escolástica desenvolveu o pensamento arquitetônico a um ponto em que ele quase deixa de ser arquitetônico [...]”, enfatizando a ideia da criação de uma unidade que une arquitetura, cidade e ideário.

Dessa forma, é evidente a ligação intrínseca do desenvolvimento arquitetônico com os movimentos filosóficos e acontecimentos históricos nos quais as construções foram inseridas. A arquitetura do século XIII reflete diretamente a Escolástica - o estilo gótico, predominante nesse período, demonstra visualmente os princípios do pensamento escolástico, como a ordem, a hierarquia e a clareza na transmissão das ideias. Os edifícios projetados pelos arquitetos da época explicavam simbolicamente a religião, por meio de vitrais narrativos e estruturas verticalizadas, conciliando a razão e a fé. As relações entre o pensamento escolástico e a arquitetura gótica unem-se de forma que os arquitetos podem ser considerados como escolásticos.

### **Metodologia**

A pesquisa teve como objetivo analisar a influência do pensamento filosófico, dos acontecimentos históricos e políticos na produção arquitetônica na França no século XIII. O texto também explicitou a relação entre o desenvolvimento das cidades, o impacto das universidades e a influência das ordens mendicantes ao longo do século XIII. O estudo tentou desmistificar a ideia da Idade Média como “Idade das Trevas”, chamando atenção para a arquitetura gótica como materialização do domínio intelectual e técnico dos arquitetos do período.

O estudo foi desenvolvido a partir da perspectiva da História Social, por meio da leitura das análises feitas por Jacques Le Goff (*Uma longa Idade Média*) e Erwin Panofsky (*Arquitetura gótica e escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média*), que representam a contextualização histórica das cidades na Idade Média e a relação entre a arquitetura gótica e a Escolástica, respectivamente. Alinhado à pesquisa, os conceitos de tradição e memória foram partes importantes no estudo, uma vez que o estudo do passado nos possibilita compreender como o pensamento humano influenciou nas construções arquitetônicas que continuam impactando o cenário urbano desde o século XIII até hoje, como é citado por Le Goff (2013, p.51) “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível

elementar de elaboração histórica”.

### **Análise dos dados e resultados**

Para uma primeira análise, foi necessário compreender que a arquitetura, como parte das artes e, portanto, uma forma de expressão da sociedade, resulta das influências do pensamento vigente em determinado período. Mais do que uma simples manifestação estética, a arquitetura reflete valores, crenças e transformações sociais, políticas e econômicas de sua época. Le Goff (2013, p. 536) afirma que "O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) [...]”.

No século XIII, por exemplo, a ascensão do pensamento escolástico e as mudanças no tecido urbano influenciaram diretamente a forma e a função das construções, especialmente das catedrais góticas e dos conventos mendicantes. No ponto de vista urbanístico, foi o crescimento das cidades o responsável pelos problemas urbanos que atraíram as ordens mendicantes para protestarem contra as riquezas da Igreja, evidenciando a relação entre o pensamento e o patrimônio material.

A Idade Média foi descrita por Le Goff (1988, p. 29) como “[...] simultaneamente, uma idade de trevas e uma idade de ouro”. A ‘bela’ Idade Média foi caracterizada como um período marcado pelo desenvolvimento intelectual, artístico e urbano: escolas e universidades abrem-se aos leigos e se localizam nas cidades, ao lado das catedrais ao lado, mostrando que a Idade Média, desde o século V, com o desenvolvimento do feudalismo, passa a ser urbana, já que esses monumentos implicam na utilização das praças públicas, ponto de urbanização e socialização. No âmbito artístico,

A bela Idade Média também foi conhecida como o tempo das catedrais, foi um período de incomparável eclosão artística: a época do gótico. Uma arte introduzida na igreja abacial de Saint-Denis, pelo abade Suger, a partir da metade do século XII. Mas as grandes catedrais góticas datam do fim do século XII e sobretudo o século XIII. Uma eclosão de uma importância tão espetacular que manteve os monumentos conservados (Le Goff, 2008, p. 59).

No campo religioso, as ordens mendicantes, principalmente as dominicanas e franciscanas tomaram destaque na sociedade urbana medieval. Essas ordens, baseadas na

humildade e na pregação do Evangelho “puro”, contestaram a riqueza da Igreja e aos problemas sociais do crescimento urbano, e se instauraram entre os homens, nos centros das cidades.

Assim, Dominicanos e Franciscanos expressaram um novo momento progressivo da religião católica ao se envolverem com o povo para lhe dar a perspectiva de um novo caminho. Ao retomarem os valores do cristianismo primitivo, as Ordens deram ao cristianismo um vigor similar ao que possuía por ocasião do nascimento do mundo medieval (Oliveira, 2007, p. 03).

Durante a Idade Média, a Igreja exerceu um papel central na organização da sociedade, dominando não apenas a vida religiosa, mas também a estrutura política, econômica e cultural. Esse poder se refletiu na arquitetura das cidades, onde as catedrais góticas se tornaram símbolos visíveis da autoridade e influência. A monumentalidade dessas construções também influenciava a organização espacial das cidades medievais. Ao redor das catedrais, surgiam praças, mercados e edifícios administrativos, consolidando esses espaços como áreas nobres. Dessa forma, “Conforme o pensamento cristão medieval, o projeto arquitetônico não era criação humana, mas revelação divina” (Rozestraten, 2007, p.128).

Ainda que a Idade Média seja lembrada por seu legado arquitetônico, ela também teve períodos marcados por conflitos e intolerância. As Cruzadas exemplificam esse aspecto sombrio, representando um movimento de perseguição contra aqueles que ameaçavam o poder da Igreja e da cristandade, especialmente os hereges, que contestavam seus princípios.

A crescente necessidade de reformar a conduta da Igreja levou ao surgimento de diversas heresias, vistas como um perigo para a unidade religiosa. Em resposta, foi instituída a Inquisição, que perseguiu, julgou e frequentemente torturou aqueles considerados inimigos da fé cristã. No entanto, enquanto a Igreja reforçava seu controle, a sociedade medieval começava a enfrentar desafios internos cada vez mais intensos.

Foi nesse contexto que, em 1260, a prosperidade da Idade Média começou a declinar. As greves de trabalhadores e as revoltas populares nas cidades refletiam o descontentamento das camadas mais pobres. Além disso, o crescimento populacional, impulsionado anteriormente pelos avanços agrícolas e pela melhoria na alimentação, começou a desacelerar.

[...] as cidades, onde se multiplicam greves de trabalhadores e revoltas dos pobres. A explosão demográfica perde o fôlego, na lavoura a extensão de culturas estaciona, os governos se perturbam, os canteiros das catedrais não avançam. Se os hereges foram mais ou menos contidos ou reprimidos, os judeus estão aí e começam as expulsões, os *pogroms*. Por fim, no século XIV, a fome volta com toda a força (Le Goff, 1988, p. 64).

Le Goff observou que o trabalho na Idade Média não possuía valor somente material, mas espiritual, sendo visto como uma penitência redentora. Oliveira destaca o trabalho intelectual durante a medievalidade:

[...] Assim, trabalho material e trabalho intelectual são partes integrantes da atividade humana. Somente a partir dessa concepção poderemos compreender o homem em sua totalidade. Por conseguinte, é dessa perspectiva que consideraremos o trabalho medieval, material e intelectual (Oliveira, 2012, p.112).

O trabalho intelectual foi necessário para o desenvolvimento das atividades do homem. Foi por meio do intelecto que as grandes catedrais do gótico, ou ainda, o planejamento das cidades medievais foi possível. Para que fosse possível a construção de um edifício, é necessário o conhecimento técnico, advindo do pensamento humano e que foi difundido por meio das universidades. A mudança do rural para o urbano teve impacto no trabalho na Idade Média: o desenvolvimento das cidades exigia novas profissões, até então desnecessárias para a vida no campo, como os engenheiros e arquitetos, principalmente no cenário militar, com a construção de muralhas e pontes.

Esse novo conceito de cidade ameaça o cristianismo, sendo necessário também um novo apostolado, os mendicantes. Pode-se dizer que as ordens mendicantes se estabeleceram de forma planejada nas cidades. Os dominicanos, por exemplo, analisavam as candidaturas das cidades e sua fundação era feita em duas etapas: primeiro, os religiosos faziam a análise dos ‘caminhos e meios’, se a cidade fosse propícia, receberia uma fundação definitiva. Além disso, as ordens repartiam os espaços dentro dos limites urbanos, estabelecendo um mínimo de quinhentos metros entre as igrejas e os mendicantes.

As ordens mendicantes ocuparam o cenário urbano de tal forma que se tornaram pontos nodais, ou seja, pontos de referência utilizados para a localização na rede urbana. Também se tornaram um indicativo da importância de uma cidade, a depender do número de conventos mendicantes que ela possui. A razão pela qual as ordens mendicantes não se

instalaram no campo é lógica: o campo cerca a cidade e é atingido por ela de tal forma que passa a imitá-la.

Diante da nova sociedade urbana, surge a necessidade de uma nova pregação da palavra, que passa a sair em praças e públicos externos, influenciando muito mais que apenas uma região na cidade, mas ela como um todo: “Os conventos de mendicantes, mesmo nas cidades em que o espaço urbano se divide com muitas outras ordens religiosas, formam uma rede extra e supra paroquial. Os conventos de mendicantes não cobrem apenas uma parte do território urbano, mas seu conjunto” (Le Goff, 1988, p. 183).

Nesse cenário, os mendicantes se tornaram personagens com influência social e política, pois forneceram as justificativas religiosas que a cidade exigia, e legitimam as universidades e o valor do trabalho: a nova sociabilidade urbana. Os conventos mendicantes tornaram-se ponto de encontro para universidades e instituições que não possuíam seu próprio espaço.

É no século XIII que o urbanismo se fortalece e os mendicantes estão à frente desses movimentos, já que foram seus conventos que modelaram a morfologia urbana, a partir de suas localizações estratégicas e construções estéticas, que embelezam a paisagem urbana – as áreas próximas aos conventos mais conhecidos tornam-se centros de influência social e poder econômico, atraindo populações ricas para as áreas próximas aos conventos mais conhecidos. Por isso, os mendicantes receberam diversas críticas anti urbanas.

Escândalos são causados devido a construção, no coração das cidades e de alta especulação imobiliária, de sinuosos conventos de mendicantes. Essas críticas feitas por um franciscano são retomadas por dominicanos, que querem que o movimento de uma guinada estabelecendo conventos nas florestas e nas ilhas. Muitos acham que os mendicantes se perderam nas cidades que pretendiam salvar (Le Goff, 1988, p. 189).

As cidades medievais são analisadas por Howard Saalman, que inicialmente traz o conceito de cidade como “[...] uma ferramenta de produção e troca de bens e serviços; também é um lugar onde as pessoas vivem” (Saalman, 1968, p. 11).

No início do século XI, o processo de urbanização estava estagnado, sendo os monastérios patrocinados pelo Império os verdadeiros centros urbanos. O cenário muda na metade do século, com a expansão mercantil que marca as trocas de bens e serviços. O estudo das cidades medievais só é possível pois as mudanças urbanas acontecem gradualmente;

entendemos as cidades do século XIII por meio do estudo topográfico que só foi possibilitado no século XV.

Dentre as estruturas principais das cidades medievais estão as muralhas, que tinham a função principal de proteção das cidades contra invasões, controlando a entrada e saída das pessoas. Para isso, as muralhas eram constituídas por três partes: a muralha, a torre e os portões. Os pontos críticos eram os portões e corpos d'água que criaram brechas.

Os portões das cidades controlavam o fluxo de pessoas, e possuíam taxas, sendo uma das maiores fontes de lucro das cidades. Por causa do tempo de espera entre o fechamento e a abertura dos portões, era comum que houvesse pequenos comércios fora dos portões, dando origem aos *faubourgs*<sup>3</sup>.

As pontes eram ruas públicas que atravessavam um corpo d'água, sendo elas pontos fortificados com mais torres por serem pontos de vulnerabilidade. O dinheiro das pontes era coletado junto com as taxas dos portões, tornando-se um ponto focal para os *faubourgs*, preocupando as autoridades.

Em relação ao uso do solo na cidade medieval, o autor destaca os mercados, pontos de encontro e movimento. No geral, as habitações e o comércio dividiam a mesma área pela falta de necessidade de separar ambos fisicamente. Sua diferença essencial está na penetrabilidade dos espaços: o público é aberto, acessível, já os privados são impenetráveis. As cidades medievais não tinham espaços públicos comumente criados, sendo moldadas pelas condições existentes. De um lado, o espaço público atrasava o espaço privado, de outro, o espaço privado invadia o espaço público a fim de manter seus interesses.

A forma resultante da cidade, a característica dos edifícios e das ruas, e seus grandes espaços públicos é determinado pela interação dos interesses públicos e privados. Pode parecer que as cidades medievais apenas cresceram sem planejamento, mas sua formação esteve sujeita a padrões de comportamento econômico, social e político (Saalman, 1968, p. 29).

---

<sup>3</sup>*Faubourgs*: pequenos aglomerados de atividades econômicas fora dos portões, como artesanatos e hospedagem, criando um mercado público do outro lado das muralhas. Rapidamente, esse mercado cresceu e passou a competir com os mercados de dentro das cidades. Foi através desse poder econômico que os *faubourgs* se inseriram nas cidades. Com a fortificação das obras nos séculos XVI e XVII, os *faubourgs* perderam força, embora a abertura de novos portões reiniciava o ciclo.

As ruas são unidades mínimas do espaço urbano. Na cidade medieval, elas estavam em conflito com a construção do espaço privado. Por isso, as ruas medievais são o mais estreitas possível, permitindo o trânsito de mercadorias e pessoas. As edificações ainda assim invadiam o espaço das ruas, e as linhas dos edifícios medievais mostram os status de poder dos indivíduos. Na Idade Média, já existiam estatutos sobre a largura das ruas, altura dos projetos dos edifícios e espaços mínimos de passagem como consequência dessa expansão desordenada das edificações privadas.

Entre as instituições da medievalidade, estão os edifícios públicos, cuja interação com o espaço privado determinava a forma das cidades, gerando as ruas e praças irregulares em decorrência da variação do poder econômico e político individual. Essa variação gerou a necessidade de um sistema ordenado de legislação, como um conselho municipal e os edifícios públicos que abrigam essas funções. Entretanto, esses edifícios não eram sempre acessíveis, tendendo a formar um bloqueio institucional no cenário urbano e desencorajar a atividade urbana.

As ordens mendicantes são retomadas, dado que seus conventos provocaram um impacto na estrutura urbana. A ocupação das ordens mendicantes passa por toda a rede urbana, servindo como pontos de localização e medida de importância da cidade – quanto mais conventos mendicantes, mais importante a cidade era. Acima de tudo, não era no centro que estavam localizadas as pessoas que precisavam dos mendicantes – elas estavam localizadas na periferia ou nos *faubourgs*.

Pode-se dizer que a estabilidade que os conventos mendicantes trouxeram para os *faubourgs* turbulentos contribuiu para esse crescimento do poder político e econômico, que acabou por tornar a inclusão dos *faubourgs* dentro das cidades uma questão de interesse tanto para os *faubourgs* quanto para a cidade como um todo (Saalman, 1968, p. 40).

Os hospícios e hospitais, fundados pelas igrejas nos mosteiros para dar assistência, antes religiosa que terapêutica, aos enfermos, também estavam presentes nas cidades, principalmente devido à falta de tratamento e eliminação de resíduos, além da escassez de conhecimento sobre higiene. O lixo era levado para fora dos muros, através da chuva, chegava nos rios e, sem o saneamento, provocava epidemias frequentes, sendo o maior deles a Peste Negra, no século XIV. Os hospícios acolheram os mendigos e peregrinos, enquanto os hospitais, construídos por doadores próximos aos muros, abrigavam dormitórios. Nas

universidades, o conhecimento passa a ser disseminado em terrenos doados, seguindo a forma dos conventos mendicantes.

As paróquias, diferente das catedrais, eram uma necessidade. Elas definiam seus limites e possibilidades econômicas, e se tornaram o local de sepultamento das famílias mais importantes. Já as catedrais eram responsáveis por impor o poder e a riqueza das Igrejas. Em determinado ponto, ‘arquitetura gótica’ e ‘arquitetura das cidades medievais’ se tornaram sinônimos. A arte gótica e arquitetura são as expressões do renascimento das cidades durante os séculos XII e XIII. A catedral do bispo se tornou o símbolo, o orgulho e a posse das cidades” (Saalman, 1968, p. 38).

Erwin Panofsky analisou a relação entre o desenvolvimento da arquitetura gótica e o pensamento escolástico além da sua coincidência temporal. Para o autor, os arquitetos seriam responsáveis por materializar a Escolástica por meio do chamado “hábito mental”, o qual explica que, embora os arquitetos provavelmente não leram as obras filosóficas, eles teriam acesso a esse conhecimento indiretamente, por serem eruditos e terem acesso à escola, introduzindo os conceitos escolásticos nas suas obras. A partir disso, é possível traçar paralelos entre a arquitetura e a filosofia: o apogeu gótico foi marcado pelo “princípio de transparência” enquanto a escolástica buscava a clareza, por exemplo.

O autor traz alguns exemplos para concretizar a relação entre pensamento e materialização,

Enquanto na filosofia do apogeu escolástico separava rigidamente a esfera da fé do âmbito do conhecimento racional, insistindo ainda que os conteúdos da fé fossem identificados, na arquitetura houvera a separação do espaço interno do externo, insistido ainda que o espaço interno como que se projetasse por meio da estrutura envolvida. Através do programa imagético, a catedral do apogeu gótico tentava representar todo o conjunto do conhecimento cristão da teologia, da moral, das ciências naturais e da história. Buscou-se na estrutura arquitetônica uma síntese de todos os motivos centrais para se chegar a um equilíbrio entre a basílica e a edificação central, eliminando todos os elementos que pudessem perturbar o equilíbrio (Panofsky, 2001, p. 31).

No âmbito construtivo, é perceptível a relação ao analisar as divisões e subdivisões uniformes dos ambientes nos edifícios góticos e a substituição da abóboda românica pelas abóbodas de nervuras. Essa uniformidade se assemelha à hierarquia dos níveis lógicos, sendo a homologia que diferencia a arquitetura românica da gótica, pois todas as partes da

edificação estão num mesmo nível lógico. Essa padronização equivale às *similitudines* de Tomás de Aquino.

[...] se dividimos toda a edificação entre o conjunto longitudinal, o transepto e o coro, e distinguindo de um lado as naves e do outro a abside, o deambulatório e a franja de capelas radiais, são possíveis detectar algumas relações entre as partes da construção: 1. Entre cada cruzeiro da nave central, a nave central como todo e, respectivamente, nave central, transepto ou antecoro; 2. Entre cada cruzeiro das naves laterais, cada nave lateral como um todo e todo conjunto longitudinal, respectivamente o transepto e o antecoro; 3. Entre cada segmento da cabeceira do coro, o conjunto da cabeceira e o coro como um todo; 4. Entre cada seguimento do deambulatório, o conjunto do deambulatório e do coro como um todo; 5. Entre cada capela, a franja de capelas radiais e o coro como um todo. Os suportes eram divididos em pilar principal, colunas adossadas, colunas adossadas secundárias e colunetas. A caixilharia das janelas, os trifólios e as arcadas cegas eram divididos em suportes e perfis de primeira, segunda ou terceira ordem; nervuras e arcos eram subdivididos em vários perfis (Panofsky, 2001, p. 33).

Entre as principais estruturas utilizadas internamente, existem as arcadas da nave central, sustentadas por colunas mais fortes e as nervuras, sustentadas por colunas mais finas. As nervuras transversais e diagonais da nave central são amparadas por três colunas adossadas. Essas nervuras dão estabilidade e possuem vantagem técnica ao diminuir o volume da cobertura. Os contrafortes e arcobotantes se opõem às forças de empuxo e mantêm as abóbodas.

As estruturas das construções góticas possuem identidade e se distinguem umas das outras, mesmo pertencendo a um todo indivisível. Na escolástica, isso é traduzido como a clareza e a força probatória dedutiva, ou seja, a ideia de que o raciocínio dedutivo tinha um papel fundamental na demonstração de verdades. Essas estruturas vão além do racionalismo e do funcionalismo, elas seguem uma lógica visual, cuja configuração arquitetônica pode ser vista do ponto da *manifestatio*, retrazando uma composição arquitetônica assim como a Summa traça o processo do pensamento. A ornamentação também é reflexo da expressividade escolástica, excedendo o necessário.

Foi por meio do segundo princípio escolástico, a *concordantia*, que a solução definitiva da planta baixa – um conjunto longitudinal com três naves e outras estruturas alinhadas e dispostas em relação ao conjunto.

A origem do método escolástico se divide em três componentes: decomposição em partes, consonância rítmica e harmonização forçada, sendo cada uma delas formulada como *quaestio*. A arquitetura gótica possuía três *quaestiones*: a rosácea, a estrutura da parede debaixo do clerestório e a conformação de pilares da nave central.

### Considerações finais

Diante do exposto, pode-se concluir que a sociedade francesa do século XIII, expressa no desenvolvimento das cidades e na produção arquitetônica, foi moldada por fatores sociais, políticos e econômicos interligados.

O crescimento urbano, impulsionado pelo aumento populacional e pelo fortalecimento das atividades comerciais, não ocorreu de maneira aleatória, mas sim como um reflexo das dinâmicas da sociedade medieval. Assim como as grandes catedrais góticas foram concebidas sob a influência do pensamento escolástico, as cidades medievais também se estruturaram a partir das necessidades e ideias de seu tempo.

A ascensão da burguesia, o papel da Igreja e a atuação das ordens mendicantes foram determinantes na configuração do espaço urbano. Os conventos mendicantes, por exemplo, não apenas influenciaram a morfologia das cidades com suas localizações estratégicas, mas também estabeleceram novas relações sociais e econômicas, atraindo populações mais ricas para seus arredores. Paralelamente, as grandes catedrais góticas, com sua imponência e simbolismo, não eram apenas templos religiosos, mas também expressões materiais da hierarquia social e da centralidade da fé na sociedade medieval.

Esse período de transformação urbana reflete a própria lógica do pensamento escolástico, que buscava organizar e racionalizar a fé, assim como as cidades se organizaram de forma funcional e hierárquica. A sociedade do século XIII não apenas construiu edifícios monumentais, mas também redefiniu a estrutura das cidades, consolidando um modelo que combinava aspectos espirituais, econômicos e políticos.

Dessa forma, a urbanização e a arquitetura desse período não foram apenas produtos do acaso, mas sim manifestações concretas das ideias e necessidades de uma sociedade em transformação.

## Referências

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

NUNES, Meire Aparecida Lóde. **E o logos se fez carne...: uma análise dos afrescos de Giotto na Cappella degli Scrovegni**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

OLIVEIRA, Terezinha. **Considerações sobre o trabalho na Idade Média: intelectuais medievais e historiografia**. Revista de História, n. 166, p. 109-128, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Terezinha. Os mendicantes e o ensino na universidade medieval: Boaventura e Tomás de Aquino. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Associação Nacional de História (ANPUH), 2007.

PANOFSKY, Erwin. **Arquitetura gótica e escolástica**: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROZESTRATEN, Artur Simões. **A iconografia do portador do modelo de arquitetura na arte medieval**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SAALMAN, Howard. **Medieval Cities**. London: Studio Vista, 1968.